

EM DIREÇÃO À MANDALA UNIVERSAL: O MISTÉRIO DO SENTIDO DA VIDA

Por John Croft

Última atualização: 15 de Maio de 2012

Tradução (texto e figuras): Áureo Gaspar (Junho de 2012).

Título original: Fact Sheet Number # 01 TOWARDS A UNIVERSAL MANDALA: THE MYSTERY OF THE MEANING OF LIFE

RESUMO: Este texto apresenta a ideia de que as mais recentes teorias científicas trazem uma compreensão nova e radical do que somos no universo, e da forma como podemos construir uma ponte ligando o passado ao futuro, através de nosso engajamento no mundo.



Esta versão e a obra original de John Croft estão licenciados sob uma licença [Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Permissões além do escopo desta licença podem ser solicitadas a jdcroft@yahoo.com.

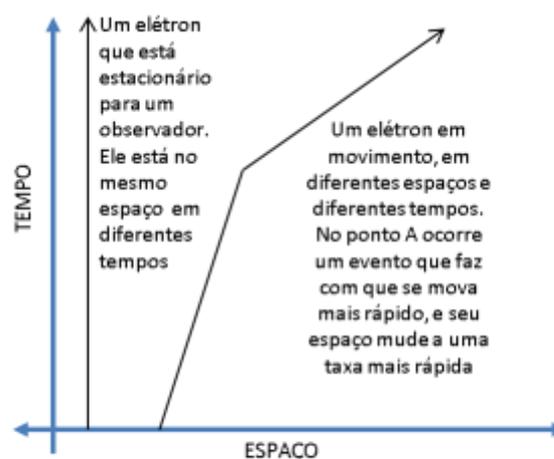
QUAL É O SENTIDO DA NOSSA VIDA?

Eu tinha 25 anos e estava viajando de Londres para Lyon, na França, quando tive o sentimento de que havia descoberto um significado profundo da natureza da vida, o 'padrão por trás do padrão' da vida cotidiana e a natureza essencial da estrutura do próprio universo. Eu tinha um amigo, um físico que então trabalhava no seu pós-doutorado no Imperial College de Londres, que me apresentou as teorias do físico Richard Feynman, que esteve no cerne do desenvolvimento da cromodinâmica quântica e que buscava desvendar os segredos do núcleo do átomo.

Feynman procurou descobrir o misterioso motivo pelo qual todos os elétrons, por exemplo, parecem ser idênticos, indistinguíveis uns dos outros. Feynman propôs a Teoria do Calibre, em que, ao invés dos elétrons serem vistos como entidades discretas ou "coisas" separadas, quando observados no *continuum* múltiplo de quarta dimensão do espaço-tempo, estas partículas podem ser similares a filamentos, aparecendo e desaparecendo como fantasmas através de interações com outras partículas. Partículas de tamanhos específicos surgem, transferindo *momentum* (quantidade de movimento), carga elétrica, *spin* (rotação) e massa de uma partícula em um estado para outra. Feynman tinha estudado a forma como, de acordo com a famosa equação $E = mc^2$ de Einstein, não

só a matéria poderia ser convertida a partir de energia, como em explosões nucleares, mas também como a energia, se estivesse em estados suficientemente elevados, poderia ser convertida novamente em matéria. Isso ocorreria através da criação de pares de partículas de matéria e antimatéria. Feynman descobriu que se seguisse o "filamento" de antimatéria em nosso universo, este pareceria ser um fenômeno de duração indescritivelmente curta, que quase imediatamente se chocaria com uma partícula de matéria normal, aniquilando-se estas duas partículas mutuamente e liberando enorme quantidade de energia. Feynman acreditava que um elétron, encontrando outra partícula com energia suficiente, mudaria seu *momentum* ou velocidade através do tempo, alterando o seu caminho para uma nova trajetória.

Ele, então, teve o pensamento contra-intuitivo que, ao encontrar a energia da aniquilação, seria possível considerar que o elétron saltasse para trás no tempo, aparecendo como a sua própria anti-partícula, que então encontraria a energia de criação do par e reverteria a direção para mover-se novamente para a frente no tempo. Assim, ao invés de três partículas separadas, dois elétrons e um anti-elétron ou pósitron, temos apenas um elétron que salta para trás no tempo como um pósitron, antes de saltar para a frente novamente como elétron. A antimatéria poderia desta forma ser considerada idêntica à matéria normal, viajando para



UM DIAGRAMA CONVENCIONAL DE ESPAÇO TEMPO
Quando visto no espaço e no tempo, o que aparenta ser uma partícula agora se torna uma linha

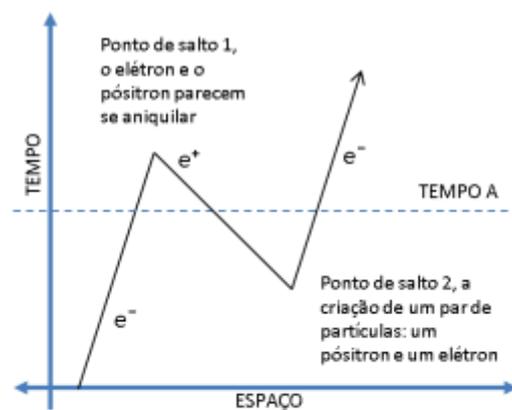
trás no tempo, do futuro para o passado. Eventualmente, ao se deparar com outra explosão de energia, poderia ser empurrada de volta viajando para a frente no tempo, mais uma vez aparecendo como um elétron. Assim, em vez da “criação de pares”, houve uma reação de calibre, onde um elétron que viajou ao passado, percebido como um pósitron de antimatéria, vira-se para viajar novamente para a frente no tempo. Da mesma forma, a “aniquilação de pares” era de fato um evento energético, onde um elétron normal, volta-se para viajar para trás no tempo, aparecendo como um positron. A antipartícula era idêntica a uma partícula normal, mas com a sua direção ao longo do tempo invertida. Um viajante do tempo em miniatura, que poderia ir para trás para encontrar e aniquilar-se a si mesmo viajando através do tempo. A razão pela qual todos os elétrons são parecidos, Feynman tinha descoberto, é que em todo o universo, pode haver apenas um elétron!

As implicações dessa teoria, pela qual Feynman ganhou o Prêmio Nobel de Física, pareciam-me surpreendentes. Não só a impressão de que todos os elétrons eram realmente apenas uma partícula, criada no início do tempo e do espaço, mas toda a matéria do universo poderia, de fato, ser feita a partir desta única partícula, saltando de diversas formas para trás e para frente, entre o início e o fim do nosso universo, tecendo todas as estrelas, galáxias, planetas, nossos corpos e nós mesmos, como resultado desse processo!

É claro que existem muitos problemas neste ponto de vista do cosmos. Um problema é que não há um número igual de elétrons e suas contrapartidas em antimatéria, os pósitrons, fato que deveria acontecer se a visão de Feynman fosse correta. Ou há? Elétrons se unem com os prótons carregados positivamente para formar átomos de hidrogênio, o elemento mais comum no universo. Quando a partícula instável neutra torna-se um próton estável, através da adição de uma carga positiva exatamente igual e oposta à do elétron de carga negativa, ele realmente diminui sua massa por volta do peso de um pósitron. Ficamos com o pensamento: “conteriam os prótons, de alguma forma, pósitrons disfarçados?” Prótons, como os elétrons, parecem ser partículas estáveis, mas a física quântica sugere que os prótons podem se tornar instáveis após períodos de tempo incrivelmente longos, decompondo-se em um número de partículas menores, incluindo um elétron positivo (pósitron), quando se aproximam do seu fim. A razão pela qual um próton tem carga positiva exatamente igual à carga negativa do elétron, portanto, pode ser porque um próton pode conter em algum lugar um pósitron disfarçado. O nêutron, uma partícula com carga neutra um pouco mais pesada que um próton, desta forma poderia ser considerado como a partícula a partir da qual os prótons são feitos, com o seu peso reduzido pela adição de um elétron de antimatéria. Talvez o universo de fato tenha começado como um “evento singular”, uma única partícula subatômica.

Em 1971, essa sugestão foi brilhantemente confirmada pelo físico francês Alain Aspect, que estava procurando testar um lado pouco conhecido dos problemas que Albert Einstein tinha com a Mecânica Quântica. O Princípio da Incerteza de Heisenberg tinha banido para sempre a previsibilidade completa do universo material, quando foi mostrado que a posição exata e o *momentum* (a dinâmica com que uma partícula estava se movendo), não poderiam ser conhecidos completamente com precisão e ao mesmo tempo. A velha teoria de que tudo o que existe são átomos em movimento foi negada. Qualquer tentativa para calcular a posição de uma partícula, tornava a sua dinâmica imprevisível, e uma tentativa de medir o seu impulso iria igualmente alterar a sua posição de forma imprevisível.

As mudanças pareciam totalmente aleatórias, e Einstein não podia aceitar que “Deus jogasse dados com o Universo”. Ele propôs, com Rosen e Podulsky, que duas partículas estavam interagindo e que posteriormente se separavam. Medir a posição de uma partícula, enquanto que, simultaneamente, media-se a força de outra, permitiria que momento e posição de ambas as partículas fossem calculados. O princípio da Incerteza de Heisenberg seria violado e alegou-se que esta teoria só poderia ser acolhida através de algum



INTERAÇÃO DO QUE PARECEM SER DOIS ELÉTRONS E UM PÓSITRON

Quando vistas no espaço e tempo, o que aparentam ser três partículas no ponto A do tempo, na verdade trata-se de apenas um elétron saltando para trás e para frente no tempo, surgindo no tempo anterior como uma antipartícula, o pósitron

tipo de ‘comunicação mística’ entre as duas partículas, a uma velocidade mais rápida que a luz, em violação à própria teoria da Relatividade de Einstein.

A experiência de Alain Aspect mostrou que o Princípio da Incerteza de Heisenberg em Mecânica Quântica estava certo e Einstein estava errado. O Princípio de Heisenberg foi confirmado, sugerindo-se que as duas partículas estavam de algum modo ainda em contato uma com a outra através da ‘não-localidade’, o que sugeria que não importa quão distantes elas estavam uma da outra, ainda assim se ‘lembravam’ de um estágio no passado em que "eram um". A Teoria do Calibre sugeriu ainda que a separação da força do eletromagnetismo, que preenche o universo com as partículas mensuráveis de luz, numa fase anterior viu uma convergência entre a força nuclear fraca e a força nuclear forte, através do surgimento da chamada ‘partícula de Deus’, uma partícula mensurável chamada bóson de Higgs, que deu às partículas no Universo seu peso. Atualmente os cientistas estão procurando o bóson de Higgs, uma vez que acredita-se que o próprio Universo começou menor do que uma única partícula subatômica, que continha todo o espaço e tempo, e tudo era contido, neste momento, unificado em uma singularidade. A memória deste período, Aspect indicou, estaria em todas as partículas no universo. A intuição de Feynman de que toda a matéria existente começou com um evento singular no início do tempo parecia estranhamente confirmada. Ele indicou que todos nós estamos para sempre ligados de formas tais, que sequer começamos a entender.

Esta descoberta foi a fonte da minha súbita compreensão. Se existiu essa singularidade, com a criação de tempo e espaço, vieram as questões: O que existia antes da existência do tempo e do espaço, e o que poderia existir após o tempo e o espaço desaparecem? Assim como o Universo inteiro pode ser considerado um projeto ou um processo de transição, uma ponte entre dois mistérios, eu comecei a perceber que, se tudo na vida é na verdade uma ponte, uma ponte que construímos enquanto viajamos entre dois destes tais mistérios, o que teria acontecido antes do início e o que acontecerá após o fim?

Onde “eu” estava antes da minha concepção? Algumas respostas foram dadas em nossas culturas históricas, muitas vezes afirmadas com veemência, mas quando examinamos essas respostas em detalhe, vemos que elas se dissolvem em um mar de ignorância, e ficamos com um fato central: a resposta permanece cercada por mistério. Quando morrer, para onde "eu" irei? Novamente, há diferentes respostas culturais dadas a esta pergunta. Algumas pesquisas sobre experiências de quase morte, experimentadas por algumas pessoas, podem fornecer evidências, mas mesmo isso é discutível. Como antes, quando eu examinei esta questão na maior profundidade que pude, descobri mais uma vez que ficamos apenas com o mistério insondável. O que se sabe é que a minha existência concreta é um fio, uma dança complexa de partículas filamentosas, movendo-se através do tempo e do espaço entre o passado profundo e o futuro insondável.

O que eu percebi com a idade de 25 anos foi que todos nós somos andarilhos, viajando através de uma ponte entre estes dois grandes mistérios. Mas esta ponte não é como qualquer ponte normal, ela é uma ponte na qual construímos a nós mesmos, é um projeto no qual estamos ocupados construindo a ponte enquanto viajamos. É uma ponte feita a partir da nossa experiência, da vida que nós tocamos e pela qual somos tocados, é uma ponte alicerçada sobre as diferenças que fazemos com nossas vidas no mundo. Mais tarde descobri que esse caminho místico está no cerne da maioria das tradições espirituais, incluindo a da mais antiga cultura ainda existente na Terra.

Qual é a diferença que eu posso fazer pessoalmente neste mundo? Quais mudanças você faz? Foi impressionante perceber que o mundo que vemos de "coisas" separadas era totalmente ilusório, e o que existia, na realidade, eram os fluxos, os fluxos de matéria e energia, fluxos de informação e entropia caótica, e o que vimos como ‘coisas’ reais – partículas, átomos, moléculas, células, planetas, estrelas e galáxias – são na verdade pontos de auto-organização dos nodos em um grande processo universal de fluxo. Foi para mim uma revelação profunda de algum mistério essencial do universo, que parecia afetar tudo o que eu via, dando uma consciência mais profunda da própria consciência, criando uma ponte para o significado mais profundo e mistério da vida.

Ao falar posteriormente sobre a minha epifania com outras pessoas, muitas não conseguiam entender do que eu estava falando. Rapidamente surgia em muitos olhos uma expressão vidrada. Em outros casos, descobri que tais ‘Aha!’ ou ‘experiências de descoberta profunda’ eram bastante comuns na vida de pessoas com esta idade, e que isto poderia dar sentido e significado à nossa existência para a vida das pessoas a partir de então. Christina Baldwin descreve algo da criação repentina desta ponte no sentido de sua vida:

“Eu me lembro do dia em que eu realmente me tornei consciente. Lembro-me porque eu tinha 24 anos de idade, estava vivendo na Europa, dando os primeiros passos na minha pós-graduação para encontrar a direção da minha vida. Eu tinha idade suficiente para saber que algo estava faltando. Alguns aspectos ocultos de meu próprio processo de pensamento precisavam ser revelados para o meu progresso. Eu estava morando na Inglaterra, no início da primavera de 1970, trabalhando em tempo parcial e ativamente em busca de algo desconhecido para mim. Perambulei por Londres, especialmente pelo distrito de Soho, o ponto focal da contracultura. Eu dava algumas voltas, absorvendo a atmosfera, o incenso e muitas xícaras de chá de jasmim. Um dia um homem sisudo se juntou ao círculo de conversa durante o chá. Ele se inclinou para mim e disse: ‘Eu tenho uma mensagem para você. O que você procura, vai encontrar nos Jardins Chalice.’ Vá para Glastonbury. Antes que eu pudesse questioná-lo, ele se foi.”

“Dois dias depois, eu peguei o trem para Bath e o ônibus para Glastonbury. Eu visitei o mosteiro local, onde Guenevere e Arthur estão enterrados, e vaguei pela cidade à procura de jardins. Duas horas mais tarde, seguindo as instruções, eu estava vagando pelas encostas do mítico Camelot. Os Jardins Chalice acabaram se mostrando ser um grande cemitério. No início de abril, essas encostas estavam cobertas com narcisos, balançando a cabeça sob um céu mutável. ‘O que estou fazendo aqui?’ Eu ficava me perguntando. ‘Quem está tentando me ensinar? O que quer?’ Como nenhum insight ou respostas vieram, eu fiquei quase frenética: lá estava eu, no início de minha busca, e não estava obtendo nada. Perdendo os sinais. Senti-me estúpida, sozinha e enganada.”

“Adentrei uma pequena capela para descansar e pensar sobre isso. Folheando uma Bíblia que estava sobre o altar, fechei os olhos, deixando o livro cair aberto ao acaso. Meu dedo parou em Isaías 55:12: ‘Haveis de sair com alegria e ser deixado em paz; as montanhas e as colinas antes de você explodirão em canto; e todas as árvores do campo celebrarão.’ De repente eu estava chorando. Deitei-me em um carrinho comprido na parte de trás da capela (só mais tarde percebi que era um carrinho para levar caixões) e tentei acalmar-me o melhor que pude. Respirei de forma longa e lenta, recitando a frase mais e mais: vou sair com alegria... Vou sair com alegria. Acredito que cochilei brevemente e, quando acordei, o Sol, que tinha estado encoberto o dia todo, inundava a capela através das janelas, e um feixe de luz se movia acima do meu corpo, enquanto diminuía o calor da tarde. Fiquei ali aceitando a carícia. Quando a luz chegou à minha cabeça, alguma coisa mudou: a luz parecia entrar em minha mente e transformar todo o meu ser em luz. Eu havia mudado. Eu estava acordando para um mistério maior do qual eu era parte.”

No meu caso, as respostas dadas pelas nossas ciências foram o estímulo para olhar mais profundamente as questões sobre "de onde vim" e "para onde vou". Mas a revelação foi tão forte como a descrita por Christina Baldwin. Aos 18 anos de idade eu já havia percebido que estava sendo tecido dentro do cosmos como se fosse um fio de fibras em uma tapeçaria enorme. Há quatro grandes fontes destas fibras que posso reconhecidamente detectar. Elas podem ser ilustradas por uma experiência ocorrida nos últimos dias.

Algum tempo atrás, eu raspei minha barba pela primeira vez em 35 anos. Eu tinha deixado crescer a barba como resultado de uma experiência que tive em uma escola na qual trabalhei como professor estagiário. Nesta escola, estando eu de pé defronte uma turma de alunos, o diretor-adjunto enfiou a cabeça pela porta da sala e disse: "Sente-se, filho, porque o professor estará aqui em um minuto!" Mais tarde, ele me encontrou na sala dos professores e reconheceu que eu era de fato o professor, pedindo-me desculpas. A outra razão para me tornar barbudo na época era a necessidade de criar para mim uma identidade diferente, após o colapso tumultuado do primeiro grande amor da minha vida. E assim eu deixei a barba crescer. A única vez que eu a raspei, estava com 24 anos, como resultado de minha noiva ter dito: "Eu nunca vi você sem barba", e assim no dia antes do meu casamento eu a raspei. Ela se queixava que havia se casado com um estranho, e disse que eu deveria deixar a barba crescer novamente. Brincando, ela acrescentou: "ou eu vou me divorciar de você!" Ela mais tarde se divorciou de mim, mas desta vez eu mantive a minha barba!

Por que eu compartilho esta história? É porque quando eu raspei minha barba na semana passada, o rosto que eu vi olhando para mim através do espelho não era o meu próprio rosto familiar. Era na verdade uma face muito diferente. Eu podia reconhecer naquele rosto que via no espelho a face de meu irmão mais novo, não nitidamente, mas muito distintamente. E não era o rosto que eu me lembrava do jovem que eu era antes de ter me barbeado. Era agora o rosto de um homem muito mais velho. Embora a vizinha ao lado temporariamente dissesse que eu parecia mais jovem, na verdade para mim mesmo eu parecia muito mais

velho, e me veio uma grande tristeza em relação ao que eu acreditava ser. Ver esta face foi um choque para minha identidade, a imagem ou o quadro que eu tinha construído ao longo dos últimos 35 anos da vida de quem eu acreditava que era.

Isso me fez pensar na teoria do filósofo francês Lacan que falou sobre a 'Imago', a imagem que criamos de nós mesmos. No meu caso a imagem que eu tinha construído de mim mesmo, que eu vi sem pensar todos os dias no espelho, foi temporariamente negada como resultado da minha experiência em raspar minha barba. E como eu observei esse estranho no espelho, um estranho que era eu, cheguei a reconhecer que 'quem eu sou' não era o que eu via em qualquer espelho. Quem eu sou era algo completamente diferente. O padrão também havia mudado.

Douglas Hoffstader, em "A Mente Sou Eu" citou Alan Watts, que afirmou que acordou de manhã e descobriu que ele não tinha cabeça. Ele podia ver seus braços e pernas estendendo-se para longe de seu corpo, mas sem olhar em um espelho, ele não podia ver a própria cabeça. No lugar da cabeça havia escuridão, a partir da qual ele estava olhando, como dois buracos sobrepostos pelo interior de uma máscara. Sem olhar para o espelho ele não tinha ideia do que a máscara parecia. Este é o "interior" da experiência que todos nós vivemos, levando-a em todos os lugares a que vamos. Visto desta perspectiva nós realmente não temos ideia do que os demais realmente experienciam em relação a cada um de nós.

Por exemplo, quando eu olho para o rosto de um amigo no espelho, o rosto parece estranhamente distorcido. Isto é porque nossa face não é perfeitamente simétrica e há diferenças sutis, mas importantes entre os lados direito e esquerdo de nosso rosto. No espelho estes lados são invertidos, mudando a aparência. Mas quando eu me vejo, eu aparento ser normal. Mas a minha cara também é invertida, e assim mesmo no espelho eu não me vejo com precisão, mas também de forma invertida. Mas porque essa é a única imagem de mim mesmo que eu vejo, me parece normal. Desta forma a nossa visão de nós mesmos é a nossa própria criação pessoal.

Nós comemos cerca de duas toneladas e meia de alimentos a cada ano. Quase três quartos desta alimentação é água. Em menos de uma quinzena toda a água do meu corpo é completamente substituída. Isso é mais de 70% do meu corpo material. Dizem que cada célula do meu corpo é substituída a cada sete anos, e que em um período de sete anos, talvez, apenas alguns átomos em meus dentes ou ossos do meu corpo anterior ainda estarão lá. Diferentes partes são substituídas a diferentes taxas. O revestimento do meu intestino é substituído diariamente, as células do sangue a cada três dias. As células nervosas e as células do fígado podem durar uma vida, mas as moléculas que compõem estas peças de longa duração do meu corpo são substituídas constantemente. Eu espalho as células da pele em todo lugar que vou. Diz-se que até 90% da poeira doméstica é pele humana. Então, na medida em que meu corpo está em causa, eu sou um pouco como a história do machado do meu avô. "Nós substituímos o punho três vezes e a cabeça do machado duas vezes, mas ainda é o mesmo machado".

Dada esta substituição da matéria, meu corpo está agora ensinando todas as minhas memórias de infância ao cereal que eu comi no café da manhã. Se meu corpo não tivesse essa capacidade de ensinar, e o cereal a capacidade de aprendizagem, estas memórias teriam se ido para sempre. Antes de ver no espelho a minha face barbeada, eu comecei a acreditar que eu não era o meu corpo, que eu era um padrão que persistiu apesar das mudanças constantes trazidas pela vida diária. Todas as manhãs, tomando meu café ou comendo meu almoço, ou bebendo água, ou mesmo respirando, eu estou obtendo a matéria para substituir o material do 'machado' que sou, reordenando esta matéria no padrão que eu reconheço no espelho.

Este corpo material, novo a cada segundo, tem de ser reordenado, ensinado a se estruturar naquilo em que outros podem reconhecer como a pessoa que eu sou. O cereal que comi no café da manhã atendeu às necessidades diárias de ser ensinado sobre as memórias a meu respeito, de John, e a assumir a minha identidade. Desta forma eu também sou um "nó temporário em um processo de fluxo" apenas criado a cada segundo neste movimento incessante de matéria e energia através de mim.

Refletindo sobre estes pensamentos algum tempo depois, com uma amiga. Esta amiga contou que foi a uma casa no sul da Suíça, local que havia visitado pela última vez quando era uma menina de 12 anos. Ela se perguntava o que havia em comum entre a mulher madura que ela era agora e a garotinha da qual se recordava, mais de 40 anos atrás. Nós falamos da padronização do DNA, e os padrões de significados contidos na arte e na poesia, que podem nos religar àquilo que já fomos.

Isso me levou a um segundo segmento da fibra que compõe o 'quem sou eu?' Eu vi fotos do meu pai quando ele era um jovem e isto me lembrou de mim mesmo quando tinha essa idade. Duas vidas se uniram para me criar, para que eu fosse concebido no ventre da minha mãe. Pouco depois da morte de meu pai, durante seu funeral, uma mulher, que não tinha visto meu pai por muitos anos, me perguntou se eu era irmão de meu pai. Eu lhe disse que era seu filho, sentindo-me um pouco desconcertado ao ser confundido com um homem 23 anos mais velho que eu, mas devo admitir que, em um sentido real, meu pai continua a viver através de mim. Lembro-me bem dele. Recentemente, minha cunhada comentou que eu era cada vez mais parecido com ele. Na verdade, posso ser preciso e dizer que geneticamente exatamente 50% do que sou advém dele, e os outros 50% tem como origem a minha mãe.

Eu vi de perto essa conexão na forma como minha amiga, ao visitar a casa no sul da Suíça sentou-se no jardim da casa, junto com seu idoso pai, e lembrou-se como era quando criança. Apesar das diferenças de idade e gênero, o padrão das duas pessoas, mesmo o jeito que eles estavam falando e a maneira como seguravam suas mãos, e cruzavam as pernas, era muito semelhante. De uma forma estranha, me tocou profundamente ver este padrão sobrevivente entre as duas gerações. Este padrão foi um fluxo transgeracional de informações genéticas, culturais e biológicas, uma configuração dos fluxos de matéria para os padrões de similaridade que eu vi.

Minha mãe era muito próxima de meus avós, e meu pai passou os últimos anos da sua vida ativa satisfazendo as necessidades de seus pais idosos. Tenho 25% de cada uma dessas pessoas também. Mais de cinco anos atrás eu encontrei uma prima que não via há 20 anos em um Café lotado, por acaso. Ela teve que ir, e quando se levantou eu reconheci suas mãos. Elas eram minhas! Claramente cada um de nós tinha herdado essas mãos, sua flexibilidade e força de um avô comum. Eu só encontrei meu bisavô uma vez, pouco antes dele morrer, e eu sou 12,5% dele. Desta forma eu tenho oito bisavós, e todas as gerações antes que o número duplique. São apenas 29 gerações para trás para regressarmos ao ano de 1.275 e eu tenho tantos antepassados quanto havia pessoas vivas no planeta naquela época! Claro que isso não significa que eu estou relacionado com todos à minha volta, mas como a maioria dos meus antepassados veio do noroeste da Europa Ocidental, os mesmos ancestrais aparecem repetidamente em muitas linhagens.

Há pouco tempo a ciência biológica moderna nos mostrou que, geneticamente, somos todos descendentes em parte de uma única mulher que viveu cerca de 150.000 anos atrás, provavelmente na África Oriental. Chamada de "Eva mitocondrial", por causa do DNA em nossas mitocôndrias, as fábricas de energia das nossas células, compartilhadas com todos os seres humanos vivos hoje. Em certo sentido, ela é a mãe de toda a humanidade moderna. Ela era nossa mãe, mãe, mãe, mãe... Mãe. Isto não quer dizer que ela era a única mulher viva. Isso também não significa que ela forneceu toda a nossa constituição genética. Na verdade, os europeus têm cerca de 4% de sua composição genética herdada de homens de Neandertal, grupo que se separou de nossa linhagem cerca de 600.000 anos atrás, e os melanésios têm um percentual semelhante de outra subespécie que se separaram ainda mais cedo. Mas o que isso significa é que ela contribuiu com todo o DNA que é encontrado na mitocôndria de cada célula em cada corpo de cada ser humano vivo, de nós todos, sete bilhões.

A ciência mostrou também que todos os cromossomos Y de cada homem são igualmente descendentes de um único homem 'Adão cromossomo Y' que viveu possivelmente cerca de 80.000 anos atrás. Da mesma forma que ele era o pai do nosso pai, o pai do pai... Pai. Entre essas pessoas, homens e mulheres, os nossos antepassados se espalharam para viver em nós e através de nós. Meus pais, que tiveram cinco filhos e nove netos, têm agora três bisnetos que, um dia, possivelmente, também terão descendência. Através de seus bisnetos "eles" vão viver no mundo. Assim, os meus pais são como o ponto no foco de uma lente, ou como o gargalo de uma ampulheta de vidro através do qual as areias do tempo foram escoando do passado para o futuro. Eles são os fios individuais ancestrais que trazem os grandes mistérios entre o nascimento e morte, da qual eu e meus filhos viemos.

Desta forma, biológica, social e psicologicamente, eu sou um fio tecido geneticamente e biologicamente como um filamento de DNA de muitas pessoas pré-existentes. Tais fios, que se estendem cada vez mais e mais para o passado, de volta ao Último Ancestral Universal em Comum (LUCA – *Last Universal Common Ancestor*) de toda a vida na Terra, uma bactéria simples que nadava no mar primordial quase quatro bilhões de anos atrás. Tudo na vida é um. Eu sou um terráqueo, uma parte deste mundo, e cada átomo do meu ser, cada célula e cada pensamento é parte desta vida que está se desenrolando.

E aqui vemos que os fios de nossas vidas individuais são na verdade parte desta vasta tapeçaria do desdobramento da existência humana sobre o planeta Terra. Das idades de gelo ao calor do aquecimento global, a tapeçaria humana se espalhou para penetrar todo o planeta, e agora através de seus impactos se tornou uma força geológica que rege o destino não só de nossa própria espécie, mas de todas as espécies vivas que compartilham este mundo frágil conosco. Qual é o objetivo final desta grande revelação? Enquanto a humanidade se envolveu em participar do mundo, chegamos a tocar e compreender a luz das estrelas, em alguns detalhes, mais do que o lugar que nos rodeia. Apesar de não termos respostas claras sobre o sentido da vida, há muito a nossa visão se ampliou para percebermos que somos uma parte aparentemente pequena da vida. Mais uma vez as nossas vidas são como um projeto, uma ponte entre nossos antepassados e nossos descendentes.

Mas estou consciente de que muitas pessoas que encontram tais explicações científicas descartam essa evidência dizendo “isso se refere apenas ao meu corpo! Eu sou mais do que o meu corpo!”. E acrescentam: “Eu tenho uma mente, uma alma, uma essência própria também!”.

“Quem é esse?”, você pergunta, pois isso está próximo da sua experiência de “quem sou eu?”.

O rosto que me olhou no espelho, eu senti, se entristecia com isso. Nossos sentimentos esculpem o nosso rosto. As linhas marcam a nossa face da forma como envelhecemos, criadas pelos sentimentos que vivemos, pelos músculos que usamos de forma a que possamos reconhecer um rosto triste ou feliz. Talvez a tristeza que vi foi criada, em parte, pela dor que eu experimentei sete anos e meio atrás, com a morte de Vivienne, minha alma gêmea e parceira há mais de 20 anos. Talvez fosse mais temporário, parte da dificuldade de viver hoje na Alemanha, em uma nova cultura, lutando com uma nova linguagem, em um novo relacionamento. Ou pode apenas ter sido o efeito de 61 anos de experiência, vivendo no mundo estressante do final do século 20 e início do século 21.

Assim, “quem sou eu?” Eu sou os meus pensamentos? Eu estou tendo esses pensamentos agora, espremendo-os para fora do meu cérebro para causar o movimento dos meus dedos no teclado deste computador, para gerar caracteres neste monitor de vídeo. Você leitor verá estes caracteres, seja em uma página impressa ou na tela diante de si mesmo, e vai interpretar essas formas e integrá-las em seus próprios pensamentos. Assim, uma parte de meu pensamento já se tornou uma parte de você, e você não pode se livrar dela. Você pode parar de ler aqui e agora, isso vai limitar o efeito, mas você não pode livrar-se dos ‘memes’ ou vírus mentais, as peças de informação que estas palavras já transmitiram.

Você pode pensar que isso não muda nada, mas muda. A experiência terá um efeito, mesmo um efeito momentâneo, mas estará lá, e se você persistir em ler esses pensamentos ela vai crescer. E assim ‘quem eu sou’ é realmente como uma ondulação em uma lagoa. Vivienne, minha esposa, que morreu há sete anos, vive na memória de cada pessoa que ela conhecia e mesmo daqueles estranhos que ela cruzou ao caminhar pela rua. Recentemente fui contatado pela organização que nomeia as ruas da cidade de Canberra, capital nacional da Austrália. Eles querem dar o nome dela a uma rua. E assim ela vive dentro de mim e de outros que foram afetados por sua vida. Às vezes eu quase posso ouvir sua voz e, em muitas circunstâncias, posso ver como ela teria reagido em uma determinada circunstância. Ela vive em mim, assim como quando eu morrer, de uma forma real, eu viverei dentro de meus filhos e as outras pessoas que eu conheci e que me conhecem. A “ondulação no espaço e no tempo” que foi Vivienne também será repassada até o fim da vida humana na Terra, e possivelmente além. Nós não precisamos de céu para nos tornar imortais – ao submergir e nos integrarmos à Terra, nossa imortalidade está garantida.

Esta ondulação no lago se espalha ainda mais longe. Eu contava a história de sua morte a muitas pessoas e por isso, de alguma forma elas também foram tocadas pela sua vida e morte. Uma amiga, que nunca conhecera Vivienne, no entanto, disse que veio a conhecê-la muito bem através de mim. E desta forma a ‘essência’ ou ‘alma’ de Vivienne vivem ainda no mundo, espalhando-se mais e mais como uma ondulação em uma lagoa. Esta ondulação continua a se espalhar até o fim do tempo e do espaço. Sua ‘memória’ mantém-se no interior dos pensamentos e ações meus e de todos que a conheciam. E estes pensamentos e ações moldam o mundo em que agora vivemos de maneiras novas e diferentes. Desta forma, aprendemos a viver além daquilo que outros acreditam que é o único caminho. À medida que expandimos e lançamos um olhar sobre as ondulações que se espalham na lagoa do cosmos, para a escuridão que cai a nossa frente, e os caminhos encobertos são vistos como limitações nas nossas crenças, a luz das estrelas vai mostrando-nos novos caminhos.

Isto é verdade para cada pessoa, mas também é verdade para todos nós. Quem sou eu? Mais uma vez somos levados a reconhecer que eu sou um fio na tapeçaria da vida. Sou simultaneamente tecido e estou ao mesmo tempo a tecer-me na tapeçaria, ao transportar minhas experiências do momento presente no tear da existência. E assim como esta discussão teve um começo no mistério de tudo isso, então um dia ela vai ter um fim. Eu tenho 61 anos de idade. Meu filho tem 29. E daqui a 29 anos, ele terá 58 anos, quase tão velho quanto eu e eu, se ainda estiver vivo, terei 90. Pode ser que então o meu fio na tapeçaria da vida terá se desgastado e talvez terminado, e suas fibras sejam dispersadas, em todos os outros segmentos. A pedra de John, que faz a ondulação no lago grande do cosmos, pode ter finalmente cruzado a superfície da lagoa e agora estará descansando em silêncio no fundo da água, mas as ondulações de sua passagem pelo mundo continuarão se espalhando. Esta é a natureza de uma realidade em relação a qual todos nós podemos concordar, independentemente das diferenças de fé religiosa ou de convicção filosófica. Ao contrário do conteúdo das outras respostas puramente religiosas para os mistérios mencionados acima, esta 'realidade' não pode ser contestado como 'imaginária'. Eu acredito que há grande beleza nessa realidade comum da História Universal que emerge da disseminação das ondulações por todo o cosmos. E se for assim, então 'quem exatamente sou eu?'.

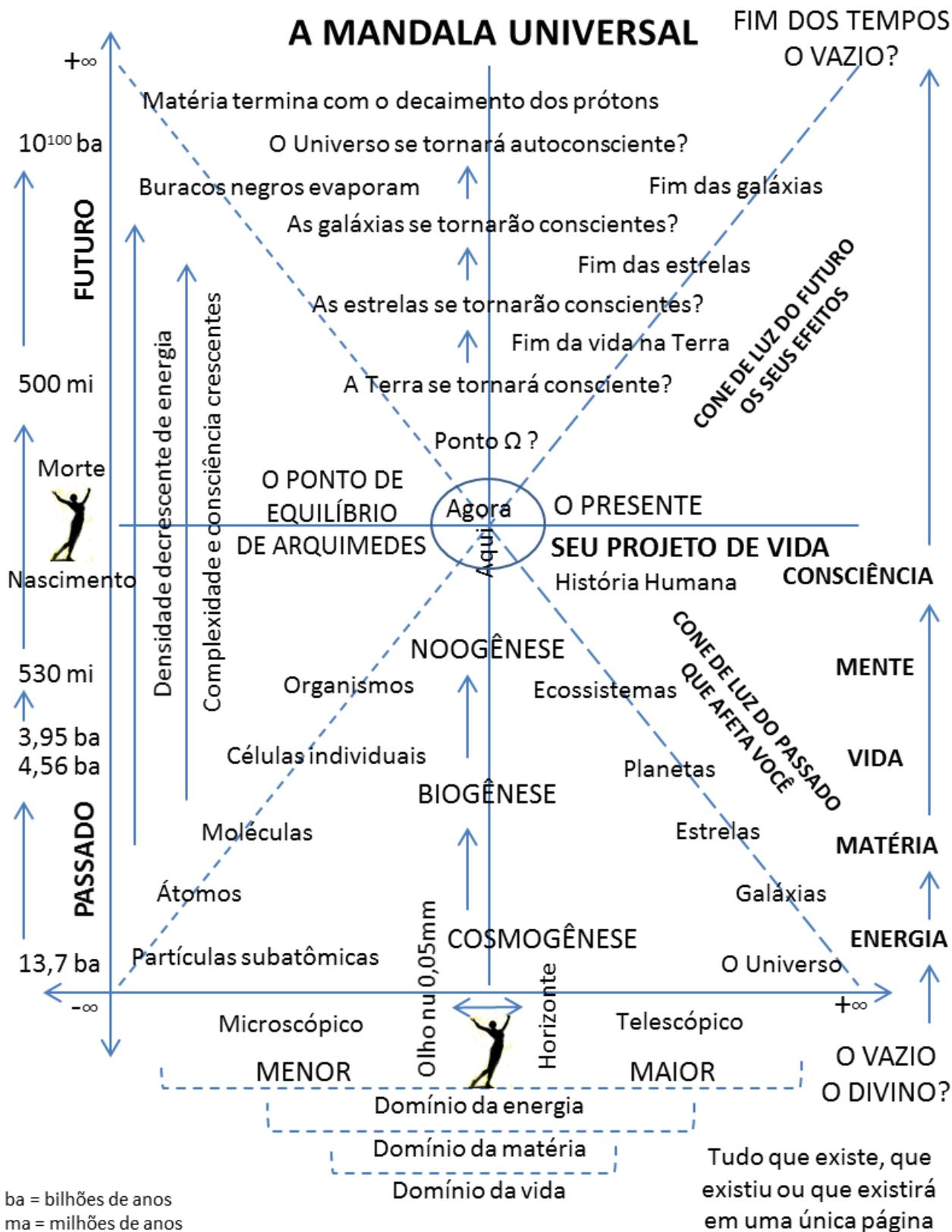
Olhando dessas perspectivas, quem eu sou é uma parte de um projeto, parte de um processo de algo muito maior, em que esta realidade maior está refletindo por um instante sobre si mesmo. Faço parte de uma cultura frágil, que como veremos, de muitas formas parece inclinada à autodestruição. Mas a ciência nos diz que cada átomo do meu corpo tem a lembrança de uma existência muito mais vasta, de ter viajado através do calor de grandes estrelas que foram destruídos milhares de milhões de anos atrás para fazer o sol e a Terra, e da família de seus irmãos planetas. O padrão do meu DNA, tecido e novamente tecido entre as gerações, está ligado há pelo menos 3,8 bilhões de anos passados a LUCA, o último ancestral universal comum de todas as coisas vivas, como diz a ciência.

Cada pensamento que tenho é uma reformulação das minhas experiências, elaborado a partir dos pensamentos e ações de milhões de pessoas do passado e do presente, cujos pensamentos continuam a viver dentro de mim, na minha fala e em meus devaneios silenciosos e sonhos. Sou muito mais do que as limitações que minha cultura me impõe, sou parte do todo de tudo, pegando a ponte que liga o momento presente refletindo sobre esse todo. Quem eu sou? Sou claramente uma parte de todo o cosmos, um projeto de tempo e espaço temporariamente tendo uma experiência de "John".

Então eu sou como o próprio universo, uma ponte entre dois mistérios, o mistério de onde viemos no passado e para onde iremos no futuro. Estes são os elementos que compõem neste espaço o 'Eu mesmo' de 'Mim'. "Mas há algo além disso na minha experiência de 'Eu mesmo'?" Nicolau Copérnico, o clérigo polonês, quando nos mostrou que a Terra não era o centro do Universo, destronou a visão de excepcionalidade do nosso ponto de vista subjetivo. Agora sabemos que nossa vida é apenas um grão minúsculo em uma imensidão de tempo e espaço. Vista em tal imensidão, é difícil sentir que qualquer vida tem significado. No entanto, em outro sentido, a ciência tem mostrado que realmente vivemos no centro do único universo que podemos imaginar – como a velocidade da luz é finita, para toda parte que você olhar, estará olhando não para o presente, mas para o passado. Da mesma forma, os efeitos do que você faz, pensa e fala nunca poderão ser sentidos no presente, ocorrerão apenas no futuro. Como ondas em um lago que são o verdadeiro ponto de equilíbrio, são a ponte entre as causas do passado e possibilidades futuras. O aqui e agora, o 'dedo em movimento' do momento presente, contém todo o passado e todo o futuro. Na verdade, é o 'Todomomento', uma quarta vez, quando todo o espaço e todo o tempo se juntam.



Podemos agora criar uma Mandala Universal, em que tudo que existiu, existe ou que existirá pode ser encaixado em uma única página. Pegue uma nova folha de papel. No centro, na parte inferior da página faça um boneco. Este é você. À direita desta figura, as coisas tendem a ficar maiores e para a esquerda, menores.



A 'escala humana' – o que podemos julgar a uma distância confiável – se estende para cima por 36 km, este é o horizonte numa paisagem plana. À esquerda o menor objeto perceptível a olho nu é tem 0,05 milímetro. Se marcarmos estas distâncias, cerca de um centímetro de cada lado da régua, mostraremos o tamanho do universo que vivemos na maior parte da existência humana. Foi somente no século 17 que começamos

realmente a habitar um espaço ou tempo maior. À esquerda do nosso universo, descobrimos o mundo microscópico. Uma única gota de água não esterilizadas pode conter muitos bilhões de pequenas criaturas unicelulares, todas ocupadas com suas próprias vidas. Para a direita, com telescópios, realmente descobrimos o tamanho da nossa família de planetas. Mais tarde, melhorias nos permitiram ver mais longe, além do nosso planeta, em direção ao Sol, e descobrimos que ele também é apenas uma estrela indistinta entre inúmeras estrelas, rodeadas por sua vez por famílias de planetas. Abaixo do mundo celular bacteriano, descobrimos que todos os objetos conhecidos são compostos por moléculas que giram e ressoam, compostas de átomos, vistos pela primeira vez somente no século 20.

Como nosso ponto de vista ficou ainda maior, na primeira metade do século 20 percebemos que as manchas fracas no céu, visto em Andrômeda, e nas Nuvens de Magalhães no hemisfério sul, eram de fato 'universos-ilha' que hoje chamamos de Galáxias, da palavra grega para o leite, em homenagem a nossa própria Via Láctea de estrelas que se estende por todo o céu noturno. Mais uma vez, ficamos menores, reconhecendo que o Universo é muito maior do que imaginamos, como as galáxias, contendo inumeráveis estrelas, também são organizadas em grupos unidos por invisíveis e ainda desconhecidas 'Matérias Escuras', muito mais preponderantes do que a matéria normal atômica que vemos, que representa apenas 4% do universo, e que o universo está sendo acelerado para fora por uma igualmente misteriosa e ainda maior 'energia escura', compreendendo 73% da 'substância', conhecida de espaço e tempo.

Paradoxalmente, os horizontes também se expandiram ao se perceber que o mundo atômico era em sua maior parte vazio e outro reino microscópico subjazia a este, o reino subatômico das energias que giram, a matéria temporária, antimatéria e outras partículas discutido acima. Aqui temos o estranho mundo quântico de partículas subatômicas. Você pode imaginar essas distâncias existentes da margem esquerda para a margem direita na parte inferior da página. Além destas distâncias, os cientistas de hoje estão começando a encontrar indícios de espaços ainda maiores e menores, um 'megaverso' contendo universos ilimitados, ou dentro das menores partículas subatômicas, encontrando onze pequenas dimensões de 'cadeias' dobradas que fazem as partículas subatômicas parecerem ter um tamanho comparável ao do universo. E, além disso, do mais infinito para o menos infinito, ainda existem reinos dos quais nada sabemos. Esta realidade é um lugar estranho e alienígena em que as consciências da maioria das pessoas estão presas, no centro deste reino visível do horizonte a uma partícula de pó, mas todo o espaço discutido aqui é necessário para explicar quem nós somos e como chegamos a ser quem somos.

O lado vertical da página que você está segurando representa o tempo. Novamente, partindo no centro para a margem esquerda, faça um bonequinho. Isso representa o momento presente. A parte inferior do papel representa o passado, a parte superior mede o futuro. Nossa escala humana de tempo – a média de vida desde o nascimento até a morte aos 80 anos é apenas uma pequena parte da imagem. Abaixo de nós, sabemos que as civilizações humanas já existem há 5.000 anos. Mas isso é apenas um breve momento em comparação com as idades de gelo que nos precederam, e agora sabemos que seres humanos como nós vagueavam pela Terra há pelo menos 150 mil anos, como caçadores e coletores, espalhando-se de nosso lar africano para preencher o planeta.

A vida humana também é produto de uma causa, a rápida evolução no tamanho do cérebro ao longo dos últimos 2.500 mil anos de criaturas que já não existem, que caminhavam no Vale do Rift da África Oriental, de forma similar a macacos. Estas criaturas também são muito recentes em comparação com o mais profundo passado. Sessenta e cinco milhões de anos atrás um desastre astronômico dizimou quase 80% de todos os seres vivos. Anteriormente, havia um mundo de dinossauros. Nossos pequenos ancestrais sobreviveram a esta megaextinção, mas mesmo este mundo era produto de uma catástrofe anterior, ocorrida cerca de 220 milhões de anos antes, onde 98% de toda a vida pereceu.

Antes disso, outras eras glaciais viram a criação de florestas de carvão que queimamos em nossas indústrias hoje, e antes ainda encontramos vida complexa que estava confinada no mar por centenas de milhões de anos. 530 milhões de anos atrás, o nosso registro fóssil demonstra como organismos multicelulares complexos apareceram entre os ecossistemas unicelulares que haviam dominado a vida do planeta na maioria de sua existência. Nesta idade, vemos os primeiros sinais da evolução da mente, o processo que Teilhard de Chardin (sacerdote, místico e cientista) chamava de Noogênese. Este é um recorde incrível de realização. Se jogar uma moeda e quando sair "cara", significa a sobrevivência de nossos filhos para reproduzir e "coroas" significa extinção, estamos na situação de ter "caras" lançando moedas por todas as

gerações há quase 3,9 bilhões de anos, quando a vida começou, através do processo que Teilhard chamou Biogênese.

Nosso mundo, nascido dos fogos em rotação de uma estrela que explodiu há 4,6 bilhões de anos atrás, nos mostra que nossos corpos são feitos de material estelar. Mas ainda mais distante vemos que este material estelar também teve seu começo. A expansão de nosso universo mostra que ele teve um início, um momento em que o tempo e o espaço eram menores, quando as estrelas e até as galáxias não existiam, um momento de imenso calor e enormes energias que mais tarde se resfriariam durante a expansão, que desde a década de 1990 sabemos que começou há aproximadamente, 13,73 bilhões de anos (+ ou - 120 milhões de anos)! Estamos agora de volta à singularidade, menor que uma partícula subatômica única, e à criação do tempo e do espaço em si, o início da Cosmogênese, o infinito mínimo a partir do qual tudo começou.

O véu de nossa ignorância está lentamente cedendo seus segredos, e enquanto muitos detalhes ainda nos escapam, podemos agora esboçar os contornos do que aconteceu. Os 'Três Primeiros Minutos' depois da criação nos mostram que uma expansão explosiva estava ocorrendo, uma expansão que não começou e se espalhou, mas foi simultânea e em toda parte. Na fração de tempo menor do que o necessário para fazer-se luz (com uma velocidade de 299.792.458 metros por segundo), para viajar por todo o diâmetro de um próton ($0,8875 \times 10^{-15}$ metros), o conjunto do universo, menor em tamanho do que um átomo, duplicou sua dimensão e dobrou novamente. Com a suavização das flutuações quânticas do seu nascimento, dentro de 10^{-35} de segundo, cresceu até o tamanho de uma laranja, 10^{60} vezes maior do que era antes. A expansão rápida se desacelerou tão rapidamente como tinha começado, com o calor da energia da duplicação, aquecendo o universo a mais de 100 milhões de milhões de milhões de milhões de milhões (10^{32}) de graus. Antes disto, todas as forças do universo eram uma e nessa pequena fração minúscula de tempo, a gravidade, a mais antiga de todas as forças, se separou. Dentro de 1/100 de segundo mais tarde, quando o universo tinha esfriado a cem bilhões de graus, a força nuclear forte e a força nuclear fraca surgiram.

Então, de repente, pela primeira vez, o universo estava cheio de luz. Matéria e antimatéria foram constantemente sendo criadas a partir da pura energia e quase que instantaneamente aniquiladas novamente. A densidade do universo agora era inconcebível: quatro bilhões de vezes a da água. A contínua expansão explosiva viu a temperatura despencar. Menos três bilhões de graus, depois de 14 segundos, a aniquilação agora era maior do que a criação, e a maior parte da matéria e antimatéria desapareceram, deixando menos de 4% do universo como o que nós reconhecemos como 'matéria normal'. A matéria escura, tendo apenas um efeito gravitacional, mas de outra forma invisível, representava 23% e a energia escura, que hoje está acelerando a expansão do Universo, constituiu os 73% restantes.

Três minutos após o nascimento do universo, estando este a um bilhão de graus, as partículas mais pesadas começaram a se acumular em assembleias mais pesadas de núcleos de hélio, mas quase 80% ficaram como hidrogênio, que depois de 380 mil anos arrefeceu a 5.700 graus, frio o suficiente para atrair elétrons e formar átomos estáveis. Neste momento o universo se tornou transparente, a luz universal, tão quente, de repente, tornou-se escura por milhões de anos até que as primeiras estrelas pudessem nascer. Mas a expansão do espaço, a 71 quilômetros por segundo por Mpc (onde uma Mpc ou megaparsec – 3,26 anos-luz – equivale a pouco menos de 31 trilhões – $3,1 \times 10^{13}$ de quilômetros) continua até nossos dias, da mesma forma que continua o resfriamento do universo. Hoje, a imensa luz que iluminou a criação ainda está lá como micro-ondas, aquecida agora a apenas 2,76 graus acima do zero absoluto. Desde a década de 1960 os cientistas têm observado esta energia da própria criação.

Este é o nosso passado. Cada partícula subatômica do nosso corpo estava presente. Aqui testemunhamos a criação *ex-nihilo*, criação de tudo a partir do nada. Uma flutuação gigantesca em nada e um evento, o primeiro evento, a criação de um universo, aconteceu. Nós estamos, como todo o resto, ainda dentro deste evento. Esta é a nossa casa, o início das condições que tornaram possíveis, eventualmente, eu me sentar aqui, escrevendo para você. Nós não somos estrangeiros neste universo. Nós somos uma parte e sempre seremos uma parte de um processo modelado para as nossas necessidades.

Tanto vimos sobre o passado, mas o que temos para o nosso futuro? Não sabemos quanto tempo a nossa civilização tecnológica vai sobreviver, e esta pode desabar como tantas outras. Mas sabemos que as espécies médias de mamíferos nos últimos dois milhões de anos se extinguíram ou evoluíram para algo diferente. Este é um curto espaço de tempo em comparação com o tempo de vida restante para o nosso Sol. Parece

que a nossa estrela é de meia idade, e durante os próximos cinco bilhões de anos ela vai lentamente ficar mais quente e expandir-se até consumir os planetas interiores, Mercúrio em primeiro lugar, Vênus e Terra a seguir, e possivelmente engolindo até mesmo Marte, sob a sua superfície flamejante que crescerá. Sabemos também que, como resultado dessa expansão, a vida na Terra estará sob estresse causado por calor extremo, quando os oceanos começarem a ferver, apenas 500 milhões de anos no futuro.

A vida, se sobreviver, então deverá ter evoluído, estando apta a viver nos espaços entre as estrelas, ou mudar a Terra para uma órbita nova e mais segura (ou talvez ambos). Talvez aí já tenha alcançado o Ponto Ômega, onde Gaia, o planeta vivo como um todo, se tornará plenamente consciente e autoconsciente de si mesmo. Podemos ser parte desse processo. Mas sabemos que o Sol também morrerá. O envelope exterior se desfará e apenas o núcleo minúsculo irá permanecer, encolhendo em uma anã branca que se desvanecerá ao vermelho e marrom, e, eventualmente, irá torna-se escura. Se for para sobrevivermos, nossa vida terrena neste tempo muito distante terá que se estabelecer em torno de outras estrelas em nossa galáxia, possivelmente convivendo com outras formas de vida em evolução, de outros planetas.

Mas essas outras estrelas também não são imortais. Recentemente, foi descoberto que nossa galáxia está em rota de colisão com a galáxia de Andrômeda, e o resultado da colisão extrairá o gás necessário para nossa galáxia fazer novas estrelas, criando uma galáxia gigantesca circular ou elíptica a partir da espiral achatada em que habitamos. A criação de estrelas acabará por cessar e, lentamente, até mesmo a mais longeva estrela que existe também vai queimar. Mais uma vez, se a vida sobreviver quando nossas estrelas se extinguirem, terá que alternar entre as galáxias para encontrar lares mais jovens. O que acontecerá então? Nós não sabemos. Será que a vida finalmente escapará do próprio universo, para morar, como deuses, no megaverso além? Será que o próprio tempo chegará ao fim em um vazio, semelhante a esse vazio ou estado de vácuo, de onde tudo começou?

O que sabemos é que não experimentamos viver em um momento presente, como a nossa própria experiência de tempo é determinada pela velocidade da luz. Quando você olha para a Lua você não a vê como é agora, mas como ela era 1,7 segundos atrás. O Sol que você vê é como ele era 8,3 minutos atrás. Nós vemos a estrela mais próxima com a luz que a deixou 4,3 anos atrás. As estrelas de Andrômeda apresentam a aparência de como estavam quase três milhões de anos atrás, antes dos seres humanos existirem, e quando observamos o fundo de micro-ondas do universo como um todo, o que vemos está quase 13,473 bilhões ano para o passado, apenas 380.000 anos após a criação do próprio universo. Quanto mais recuamos nosso olhar ao passado, mais experimentamos a realidade. Todos os tempos passados, portanto, vêm a existir juntos no momento presente, a cada momento (*n.T.: [everywhen](#)*).

Similar ao futuro, as consequências de você ler estas palavras são como uma pedra jogada em uma lagoa, esticando-se à velocidade da luz, e desta forma nós estamos literalmente no ponto de foco onde convergem dois 'cones de luz', um ponto advindo do passado e o outro do futuro tangível. Estamos no gargalo da ampulheta através da qual as areias do futuro derramam-se e se tornam passado. Este é o momento presente através da qual sua própria existência é a ponte. Sobre este pedaço de papel, do macrocosmo ao microcosmo, temos traçado todo o espaço e todo o tempo, e mapeamos o vasto projeto do universo como um todo.

Aqui começamos a entrar em controvérsia e discussão. Isso é tudo o que existe?

Um materialista pode muito bem argumentar, "É isso é tudo que existe. O tempo vai desaparecer lentamente de volta para o nada de onde veio." Uma pessoa religiosa pode até ficar zangada com a discussão que apresentei acima, alegando que eu "perdi o verdadeiro significado da vida, eu perdi a parte mais importante de quem eu sou, a minha alma imaterial". "Mas o que é a alma?", eu pergunto. Assim que eu tiver tal pensamento estarei usando uma linguagem, e isso é algo que aprendi quando criança. E as respostas que as pessoas darão a esta pergunta são baseadas nas crenças culturais a que fomos expostos e nas respostas que passamos a aceitar. Dê-me uma cultura diferente e eu terei uma linguagem diferente e um conjunto diferente de crenças. Em diferentes circunstâncias culturais ou experienciais eu daria respostas diferentes. Mas aqui e agora deixamos o mundo de acordos verificáveis e começamos a entrar em um mundo diferente, dos possíveis argumentos e controvérsias.

Essa disputa apenas se limita a uma questão de cultura e língua? Eu tenho um sobrinho que tem uma deficiência desde o nascimento e nunca disse uma palavra. Ele definitivamente não pensa como eu, em uma linguagem, mas ele tem uma 'essência' reconhecível, uma presença, que os religiosos e até mesmo as

pessoas não religiosas iriam reconhecer por aquela qualidade que comumente chamamos de 'alma'. Ainda mais, tendo convivido recentemente com um cão e dois gatos, eu iria mais longe ao dizer que estes animais também possuem tal 'essência' característica da 'alma'. Uma pessoa religiosa pode reivindicar que os animais são desprovidos de tal coisa, mas qualquer pessoa que tenha presenciado o sofrimento de um animal seria fortemente pressionada a explicar como isso é diferente da experiência de sofrimento ocasionalmente vivenciada por meu sobrinho. Mas isso é tudo o que entendemos por 'alma', a capacidade de senciência, a capacidade de sofrer?

Acho que não. Eu tenho visto casas também, que sem dúvida têm uma 'alma', e já visitei muitos lugares que têm esta indefinível essência de 'alma'. Esta 'alma' era uma profunda ressonância, um sentimento palpável. Eu senti isso recentemente, senti que no jardim da casa de Roveredo, no sul da Suíça, que a minha amiga e seu pai visitaram, há aquilo que eu descrevi acima.

O que é esta 'alma'? Eu diria que isso também faz parte do profundo mistério que reside no coração de cada indivíduo, na sua resposta ao mundo de que faz parte. A plenitude da alma parece ser a qualidade potencial de provocar uma profunda mudança de consciência, criando uma sensação maior de calma, uma unidade atemporal, em que a diferença entre tempo e espaço, e do indivíduo separado do mundo parecem entrar em colapso e desaparecem. Em que o Eu e toda a realidade se fazem sentir, literalmente, como um só. Também é um mistério que talvez seja relacionado aos mistérios anteriores, de onde viemos e para onde estamos indo. São estes três mistérios separados ou são elementos de um grande mistério? Infelizmente isso também é um mistério! Eu não posso dar uma resposta definitiva, embora mais uma vez, ao longo da história humana, muitas respostas foram dadas por diferentes culturas e religiões (e ainda estão sendo). A este respeito, podemos dizer que temos uma trindade de mistérios em nossa vida, corpo, mente e alma. A essência indefinível do John que está escrevendo estas palavras, o mistério de onde vim e para onde vou, são três mistérios, e podem, em algum sentido mais profundo, se relacionar, ou podem ser completamente independentes um do outro. Somos mais parecidos com crianças brincando na areia na praia do infinito.

Juntando tudo isso, em relação ao que podemos dizer do sentido da vida, quando olhamos para o Universo como um todo, há ainda mais. Há pelo menos cinco grandes mistérios da vida. Não só temos o primeiro, o início ou antecedente, mistério ancestral de onde se fez o Universo e tudo começou, ou o último e derradeiro mistério para onde tudo está indo. Temos o mistério da essência, que é individual, a minha própria 'alma', aqui e agora. Temos o mistério da nossa evolução coletiva, de como ela começou; e o mistério do nosso futuro, o mistério exterior sobre para onde estamos indo, como vamos chegar e qual seu significado, ou seja, como Shakespeare uma vez declarou: "é um conto contado por um idiota, cheio de som e fúria, sem significado". Ou será que isto realmente tem um significado mais profundo?

O cientista grego Arquimedes uma vez disse: "Dê-me uma alavanca e eu moverei o mundo". A Mandala Universal mostra que há tal ponto de Arquimedes. Como viajo por esta ponte da minha própria construção, estou ciente de que o projeto da minha ponte, o fio que eu estou tecendo na tapeçaria é, em parte, a realidade de uma ponte muito maior, é outro trecho de tecelagem em uma tapeçaria muito maior, e esta é a tapeçaria da Terra e do cosmos como um todo, e é a este nível que quero agora retornar, porque é isso que está no coração do processo de *Dragon Dreaming*.

Duas noites atrás, despertando de um sonho, eu percebi o quanto meu trabalho em *Dragon Dreaming* é colorido pela profundidade da espiritualidade sustentável dos aborígenes australianos, os habitantes originais da terra de onde venho. E dentro dessa experiência do que eles chamam 'O Sonho' e que podemos chamar de 'O Cadamomento', eu encontrei uma maneira de espiar além do véu destes mistérios que nos cercam.

O mistério da minha vida individual, da minha essência ou 'alma' que encontrei é mais bem compreendido através da profundidade do

Diagrama 1: Um modelo simples de um Projeto de Sucesso



meu projeto pessoal de vida, o desdobramento do envolvimento no mundo em que vivo. Esse engajamento me permite entender melhor o 'outro', os inúmeros espíritos com quem partilho a minha vida. Ele me permite entender melhor, além da experiência dos outros segmentos da vasta tapeçaria que me rodeia, para ver um cantinho do padrão da tapeçaria que se desenrola como um todo. Quanto mais eu me engajar no mundo, mais da tapeçaria da realidade me será revelada.

Este compromisso é o mesmo engajamento que acelera e se espalha na ampliação dos círculos da minha vida e da cultura e além, para as ondulações na lagoa do cosmos como um todo. Ele também me ajuda a sentir e responder às ondulações da lagoa, que afeta a forma como eu viajo entre os mistérios de onde venho e para onde vou.

Mas como este compromisso ocorre? Ele não pode ser assegurado através de minhas posses, pelo que eu 'tenho'. Posses são apropriadamente nomeadas, pois no desejo de mantê-las e manter

o conforto que acreditamos que podem nos dar, acabaram por vir a nos possuir. O engajamento de que falo envolve mais do que o meu pensar e a minha ação no mundo, o meu 'fazer' e, assim, torna-se eventualmente uma expressão do meu 'ser', ou mesmo o meu 'vir a ser'. Através deste compromisso do meu pensamento conceitual e senso de percepção eu me torno cada vez mais em mim mesmo.

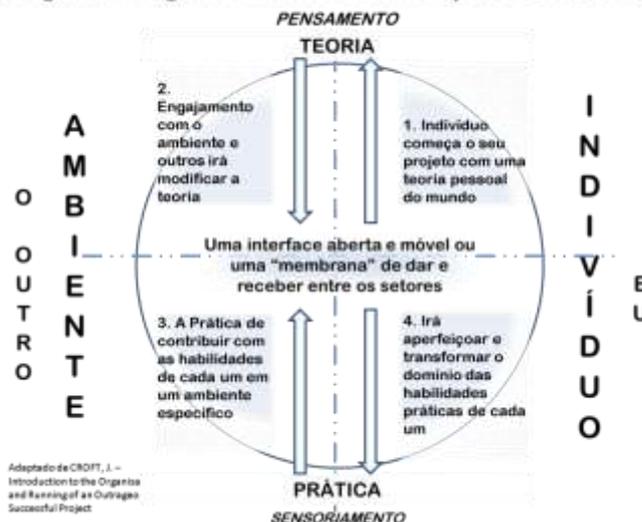
Este Ser Profundamente Ecológico não é uma 'coisa' fixa, é um 'vir a ser' em crescimento e evolução, um processo de contínua transformação e humanização, não de um estado final, mas uma parte inseparável do desdobramento do mistério do cosmos que nos rodeia por todos os lados. O engajamento ao qual sou chamado é um compromisso que suscita a mais alta moralidade que minha vida é capaz de expressar. Como eu construo e viajo através da ponte entre quem eu era o que eu serei, assim se aprofundam e ampliam a minha consciência e compreensão a meu próprio respeito e a respeito do mundo em que vivo. Os aspectos da vida que antes estavam ocultos pelo véu da ignorância são lentamente revelados. Por isso, é através do compromisso com o mundo que os mistérios do significado da vida estão lentamente se revelando. Mas esse compromisso que eu encontrei tem um preço.

O preço é um processo de constante desapego das certezas e conceitos e teorias do passado. Mesmo aquelas apólices de seguros sobre as quais estávamos tão certos, o amor de uma alma gêmea e uma parceira, em última análise terminam em uma tragédia – como o fato de que um morrerá antes do outro. Viver requer ainda que o amor seja transcendido, para que ele possa ser transformado e para que possamos aprender a profundidade das lições que tem a nos ensinar. Desta forma, envolvendo-se no mundo, na plenitude de sua profundidade e mistério, ao sair das zonas de conforto que encontramos para estar seguros e viver em segredo, então, de alguma forma essencial, crescemos. Nossa 'alma' desenvolve novas capacidades e novas compreensões. A razão para isto é que ao nos envolvermos com o mundo não estamos agindo sobre algo que é meramente 'morto' ou matéria 'inanimada', como a nossa cultura e nossas religiões podem ter-nos ensinado, mas estamos engajados em uma dança com algo que é plena e intimamente vivo.

Na verdade, a vida da biosfera, se não do cosmos como um todo, excede em muito a vida sensorial dos nossos próprios egos estreitos. Assim como a minha vida excede em muito a das células vivas que compõem o meu corpo, a vida da Terra e, mais que isso, provavelmente, do cosmos como um todo excedem em muito a minha própria, com a minha crença de existência separada. Assim, não estou envolvido em qualquer tentativa de controle, mas em um diálogo com o 'Você' final de 'Ser' em si. Neste diálogo estou envolvido com o que me deu existência e que trará minha morte, onde minha existência, em última análise, será lançada.

Qual é a natureza desse compromisso? Aqui, no quarto tempo do 'cada momento' chegamos ao sagrado, o celebrar, o caminho, se houver, para o divino. Em última análise, este ato de engajamento é religioso no

Diagrama 2: Segunda Dimensão de um Projeto de Sucesso



sentido mais profundo da palavra. Linguisticamente a palavra 'religião', *re-ligare*, significa a ligação que reconecta. Minha vida, o fio da ponte que eu construo, é essa ligação.

Além de todos os significados que associamos a uma religião mundial – além de todas as respostas dadas pelas nossas circunstâncias históricas e culturais, no *Dragon Dreaming* reside uma conexão mais profunda, talvez uma 'profunda religião', uma religião reconectora que veio antes de todas as outras religiões, e que vai continuar além do momento em que os seres humanos tenham se extinguido ou talvez tenham evoluído para uma espécie filha que, com o tempo, suceda-nos e espalhe-se para além da Terra no reino das estrelas. A tapeçaria de nossa existência é, portanto, em sua essência última, apenas uma parte da árvore sagrada da própria vida, que se estende desde a criação do primeiro momento de tempo e espaço, e continuará a dar frutos até o último momento da existência do nosso cosmos, quando o elétron de Feynman ou a partícula de Higgs ou a Singularidade de onde viemos, saltar para trás no tempo e espaço criando tudo o que foi, é e será.

Infelizmente, no mundo moderno, a religião é um conceito que muitas vezes vem a significar algo completamente diferente. Ao invés de algo que 're-ligamos' com as realidades da nossa existência total, como foi tentado na grande Era Axial milenar de nossa cultura por profetas e santos judeus, cristãos e muçulmanos, ou por hindus, budistas e sábios chineses, homens santos e filósofos gregos, a religião do mundo moderno é muitas vezes algo que nos separa dos outros, da Natureza e de outras comunidades. Com os fundamentalistas, tornou-se uma mentalidade rígida e violenta, imposta desde o nascimento ou por conversão para a aceitação de um antigo dogma espiritual, que somos obrigados a aceitar, em vez de um mistério que nos liga através de gratidão e agradecimento a toda a existência.

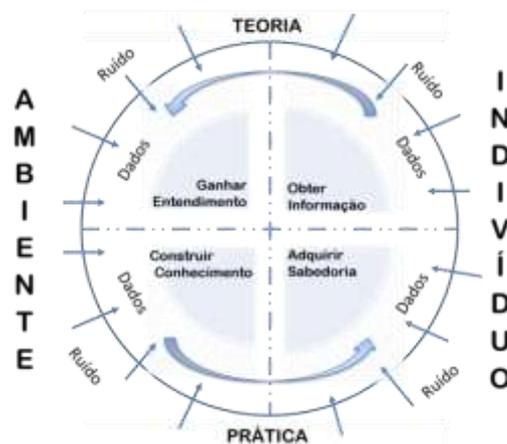
Estas 'religiões' separam e não nos reúnem, não nos reconectando de forma alguma. Essas religiões já não religam, elas tornaram-se 'de-ligiões'. A 'deligião' ocorre como resultado de uma série infeliz de eventos culturais que aconteceram mais de cinquenta séculos atrás, quando, como resultado de uma crise cultural e ambiental, nós começamos a construir estruturas hierárquicas, dando a alguns seres humanos poder sobre outros, e levamos a instituição da violência na guerra, e a perpetuação da repressão das mulheres.

É um caminho que, para nós mesmos, para a atual civilização global a que pertencemos, e para a sobrevivência da vida complexa no planeta, como veremos, ameaça se tornar uma última instância fatal. Qualquer cultura que trata a parte masculina da humanidade como superior à existência do todo, ou que trata o todo como meramente uma fonte de matérias-primas ou um receptáculo dos nossos resíduos, é uma cultura que aceitou se tornar cancerosa e não vai viver muito. Espiritualidades que apoiam e justificam essa desconexão não devem ser aceitas como religiões. Elas têm de fato se tornado 'de-ligiões', 'des-ligando-nos' temporariamente desse grande projeto da mandala universal descrito acima, que realmente nos conecta com o nosso próprio fluxo, nossas comunidades, ou do Planeta Vivo e Cosmos dos quais sempre fomos e sempre seremos uma parte integrada.

Este é o resultado do projeto de vida e processos de construção de pontes de compromisso que nos permitem primeiro reconhecer a importância de 'dados' no ruído da vida diária. Esses dados, através da adição de consciência e intencionalidade, tornam-se informação. Através da aplicação desta informação para o mundo real em que vivemos torna-se o entendimento, e pelo teste desses entendimentos através dos nossos compromissos, torna-se o verdadeiro conhecimento. Mas o conhecimento advém de um trabalho que não é apenas a aquisição de novas competências, mas também é proveniente de uma sabedoria coletiva mais profunda. Disto vem o significado da vida de cada pessoa.

Isto tem sido descrito como o exercício de 'bom senso', que 'reflete uma grande compreensão sobre as pessoas e situações. O processo que cria significado é a consideração de múltiplas perspectivas e formas de inteligência'. Sabedoria em grupos, assim como em indivíduos, "é demonstrado pelo insight, pelo bom senso, pela clareza, pela objetividade e pelo discernimento enraizados no profundo carinho e compaixão" (Briskin, 2009). Inteligência não é uma 'coisa' que reside em nossas cabeças. Ao contrário, é um processo de fluxo

O Processo Circular da Sabedoria Individual e Coletiva



que nos une como nós temporários com o mundo e liga o mundo de volta a nós. Como Gregory Bateson reconheceu, esta inteligência é o 'padrão por trás do padrão', 'o padrão que conecta'.

A natureza resultante do presente compromisso leva a um significado mais profundo que talvez possa ser mais bem descrito poeticamente.

*Nós não cessaremos de explorar
e o término de nossa exploração
será chegar onde começamos
e conhecer o lugar pela primeira vez.
Através do desconhecido, relembrando o portão
quando o último da Terra deixar descobrir
é o que é o começo;
na fonte do maior rio
a voz da cachoeira escondida
e as crianças na macieira
desconhecida, porque não procurada
mas ouvida, meio-ouvida, na quietude
entre duas ondas do mar.
rápido agora, aqui, agora, sempre –
uma condição de completa simplicidade
(que custa não menos do que tudo)
e todos devem estar bem e
todo tipo de coisas devem estar bem
quando as línguas de fogo estão dobrados
no nó de fogo coroado
e o fogo e a rosa são um."*

De "Little Giddings", III Quatro Quartetos por T.S. Eliot

A tradução para o português, revisão e divulgação deste e de outros textos de John Croft é fruto de uma iniciativa colaborativa e voluntária que endossa a ética de Crescimento Pessoal, Formação de Comunidades e Serviço à Terra – encontramos em *Dragon Dreaming* contribuições significativas para as mudanças necessárias à nossa sociedade.

Se você deseja colaborar ou conhecer mais, acesse:

Dragon Dreaming Brasil – <http://www.dragondreamingbr.org>

Dragon Dreaming Brasil no Facebook – <https://www.facebook.com/groups/107192366047436/>

Dragon Dreaming International – <http://www.dragondreaming.org/en>

Fichas técnicas em inglês – <http://dragondreaming.jimdo.com/sources-1/john-croft-fact-sheets/>